

“MARMITA”, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ



Andréa Hygino, *Tipos de comer – arroz, feijão, carne*, 2022

Foto: Divulgação

Exposição coletiva investiga trabalho, fome e desejo a partir de um objeto popular brasileiro. Com curadoria de Ulisses Carrilho, a mostra nasce da coleção de marmitas em porcelana da galerista Anita Schwartz e reúne artistas de diferentes gerações em torno do recipiente que acompanhou um século de transformações do país

A mostra elege um objeto coadjuvante do cotidiano brasileiro como fio condutor para examinar as relações entre trabalho, fome e desejo no país. Poucos objetos circularam por tantos territórios da vida nacional.

Companheira do operário no chão de fábrica e do trabalhador em trânsito pelas grandes cidades, a marmita serviu de emblema político já na campanha presidencial de Eurico Gaspar Dutra, em 1945, quando o “mar-

miteiro” virou personagem de um dos jingles mais lembrados da história eleitoral brasileira. De lá para cá, o recipiente nunca saiu de cena: condensou, ao mesmo tempo, a precariedade e a dignidade do trabalho, a escassez e a garantia do sustento.

Sua trajetória recente revela outras camadas. A marmita migrou do universo fabril para as academias e os aplicativos de dieta, convertida em mercadoria da cul-



Carlos Zílio, *Lute (Marmita)*, 1967
Foto: Reprodução / Site do artista



Nuno Quinhões, *Ciúmes*, 2026
Foto: Divulgação



Anna Bella Geiger, *Carne na Tábua*
Foto: Divulgação

tura fitness e da gestão do corpo. Na língua falada, ganhou ainda um sentido inesperado: virou gíria para vínculos amorosos informais e relações não monogâmicas. Entre o alimento e o erotismo, o utensílio se transformou em síntese de fantasias sociais brasileiras.

O ponto de partida da exposição é a coleção de marmitas em porcelana reunida ao longo dos anos pela galerista Anita Schwartz. Diante dessas peças, a curadoria formula as perguntas que organizam a mostra: como um objeto criado pela necessidade atravessa fronteiras de classe? O que acontece quando um instrumento de sobrevivência entra no circuito do colecionismo, do design e da arte?

“Marmita parte da hipótese de que os objetos possuem vida social. Poucos artefatos atravessam tantas escalas da experiência brasileira quanto a marmita: do trabalho ao desejo, da sobrevivência ao colecionismo, da intimidade doméstica à circulação pública. A exposição

acompanha os deslocamentos desse objeto para investigar como formas materiais aparentemente banais condensam relações de classe, afeto e imaginação política. Mas esses objetos também pertencem ao campo da fantasia e do fetiche: são suportes de projeção e identificação. Interessa-me justamente tornar visíveis essas camadas, expondo os modos como a cultura brasileira investe seus objetos de valor simbólico e erótico”, esclarece o curador.

A dimensão histórica da mostra é construída por obras fundamentais da arte brasileira que investigam as relações entre alimento, trabalho e cultura material. Entre elas está *Lute (Marmita)* (1967), de Carlos Zílio, produzida em um contexto de intensificação da repressão política no país e hoje reconhecida como um marco da arte conceitual. A exposição reúne ainda os desenhos *Órgãos na Bacia* e *Carne na Tábua*, de Anna Bella Geiger, nos quais utensílios domésticos e fragmentos do corpo aproximam intimidade, consumo e vio-



Carlos Vergara, *Feijão*, 1983-2020

Foto: Divulgação

lência simbólica. “*Em Marmita, esse signo atravessa a mostra como um gesto relacionado à história da desigualdade brasileira e ao contexto da Ditadura Militar em que muitas dessas obras foram produzidas*”, observa Carrilho.

A presença recorrente do arroz e do feijão em obras históricas de Carlos Vergara remete à alimentação como elemento constitutivo da experiência social brasileira, enquanto *Um sanduíche muito branco* (1966), de Cildo Meireles, um dos primeiros trabalhos conceituais do artista, desloca o alimento para o campo da linguagem e da crítica.

Artistas como Waltércio Caldas, Lenora de Barros, Farnese de Andrade e Ivens Machado ampliam esse percurso, revelando como objetos cotidianos podem condensar memória, imaginação e relações de poder. Em diálogo com essa genealogia, a produção recente de Andréa Hygino reinscreve palavras como “arroz”, “feijão” e “carne” em debates contemporâneos sobre escassez, valor e fome simbólica.

A obra de Renato Bezerra de Mello, “*Nada, ninguém, coisa alguma*” (2015), por outro lado, provoca um



Cildo Meireles, *Um sanduíche muito branco*, 1966

Foto: Divulgação

olhar metafórico/erótico sobre o termo “marmita”: ser marmita de alguém, isto é, ter relações sem exclusividade emocional ou afetiva. Com a intenção de impedir qualquer tipo de identificação, o artista exhibe, sobre uma mesa, pastas de papel e fiapos coloridos recortados minuciosamente à mão, com tesoura. “*Rastros de um arquivo encontrado no lixo de Paris, que catalogava histórias de mulheres que trabalhavam com prostituição. Um memorial de subjetividades descartadas e também um contra-monumento, em reação ao hábito classificatório e excludente das sociedades humanas*”, revela.

No campo das referências, a coletiva evoca dois textos fundadores do pensamento brasileiro sobre fome e cultura. Em *Estética da Fome* (1965), Glauber Rocha defendia que a carência material da América Latina não era apenas um problema econômico, mas uma experiência histórica geradora de linguagem e invenção. Décadas antes, o *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, já havia proposto o ato de comer e devorar como operação ao mesmo tempo biológica, política e simbólica. Na mostra, a fome se expande para além do prato: fome de reconhecimento, de contato, de prazer, de pertencimento e de futuro.

O tema segue no centro do debate público. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), o Brasil voltou a sair do Mapa da Fome em 2025, com menos de 2,5% da população em situação de subalimentação no triênio 2022-2024. Os números do IBGE, porém, indicam que a desigualdade persiste: em 2024, pelo menos 48,9 milhões de brasileiros viviam abaixo da linha de pobreza, dos quais 7,4 milhões em extrema pobreza. Em 2023, outros 64,2 milhões de pessoas moravam em domicílios com algum grau de insegurança alimentar.

É nesse intervalo entre avanço e ameaça que a exposição se situa. A indústria do bem-estar, os regimes de controle do corpo e a exposição permanente dos estilos de vida nas redes transformaram o ato de comer em disputa estética, econômica e afetiva. Ao reunir artistas em torno de um signo aparentemente banal,

Renato Bezerra de Mello, *Nada, ninguém, coisa alguma*, 2015
Fotos: Divulgação

Marmita propõe um retrato das economias materiais e emocionais do Brasil: entre o recipiente e o corpo, entre a refeição e o desejo, a mostra persegue aquilo que circula, transborda e escapa a qualquer tentativa de contenção.

SERVIÇO

Marmita

Até 8 de agosto

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br

